

CELESTINO ALVES: UM POETA SERTANEJO E O DILEMA DAS SECAS

CELESTINO ALVES: A POET FROM SERTÃO AND THE DROUGHT DILEMMA

Fabiana Alves DANTAS*

Resumo: Muitas noções a respeito do que é “sertão” são propagadas por diversas produções culturais. O artigo analisa *O Nordeste e as Secas*, obra do poeta norte-rio-grandense Celestino Alves, observando especialmente a ênfase colocada na relação entre o sertão nordestino e o fenômeno das secas. Destacam-se como elementos presentes nos poemas: a noção do sertanejo como um homem forte, moldado pela dureza do espaço no qual está inserido; o sertão como um mundo essencialmente rural, além de ser um espaço marcado pela dualidade (um dia sofrimento, no outro felicidade), do qual se precisa partir para sobreviver e, em razão disso, espaço da saudade. Vê-se, portanto, um alinhamento com muitas noções propagadas por uma forma de representação que se tornou hegemônica no imaginário brasileiro acerca desse recorte espacial.

Palavras-chave: Sertão; Secas; Literatura.

Abstract: Many notions about what is “sertão” are propagated by diverse cultural productions. The article analyzes *O Nordeste e as Secas*, written by Celestino Alves, a poet from Rio Grande do Norte, especially observing the emphasis placed on the relation between the northeastern sertão and the phenomenon of droughts. They stand out as elements present in the poems: the notion of the man of sertão as a strong man, shaped by the toughness of the space in which he is inserted; the sertão as a world essentially rural, in addition to being a space marked by duality (one day of suffering, another of happiness), from which one needs to leave in order to survive and, as a result, a space of homesickness. Therefore, we see an alignment with many notions propagated by a form of representation that has become hegemonic in the imaginary of Brazilian people about this spatial study.

Keywords: Sertão; Drought; Literature.

Considerações iniciais

“Sertão” é um termo carregado de historicidade, podendo designar recorte espacial ou imaginário cultural, como indica o historiador Erivaldo Fagundes Neves (2003), que traz alguns apontamentos importantes para se pensar as noções de “sertão” que foram difundidas no Brasil. Segundo ele, por muito tempo, predominou uma noção que o associava a algo desértico, distante das áreas colonizadas e, portanto, da civilização. Na historiografia, tem-se um sentido para a palavra que aponta uma relação entre as características geográficas do espaço e a

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com.

sociedade nele presente, de modo que as suas condições históricas são pensadas a partir da ideia de determinações entre ambos os aspectos. Essa concepção dual

(...) associou o termo “sertão” a conceitos, geográfico (semi-árido) [sic] e econômico (pecuária), apresentando o seu sentido numa percepção espacial (interior) e noutra social (região pouco povoada), ambas categorias da Geografia, mas trazendo implícitas a noção de ação humana ou a concepção de espaço social historicamente construído, um pressuposto da idéia [sic] de região (NEVES, 2003, p. 156).

O autor também indica qual conceito acabou se generalizando no que se refere ao sertão entendido como recorte espacial:

Generalizou-se o conceito de “sertão” para vasta área do interior brasileiro que expressa pluralidade geográfica, social, econômica, cultural, equiparando-se à idéia [sic] de “região”, exposta como espacialização destacada num continente, país ou subunidade setorial de poder, caracterizada pelas relações sociais e de trabalho, condições materiais, recursos ambientais, natureza do que produz, espécies de bens comercializados, formação étnica, manifestações culturais. Como categoria analítica da divisão espacial, “sertão” exprime condição de território interior de uma região ou unidade administrativa interna – Sertão Nordeste, Sertão da Bahia, Sertão de Canudos, Sertão do São Francisco, Sertão do Araripe – ou ainda o sertão do bandeirante, que inclui o interior de outras unidades da federação, fora do “polígono das secas” (NEVES, 2003, p. 157).

Tendo essas questões em mente, neste artigo propõe-se discutir as representações do sertão na literatura – salientando-se que a noção de “representação” é aqui compreendida considerando-se as relações com o mundo social, especialmente no que se refere às “operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade” (CHARTIER, 2011, p. 20) –. Na pesquisa, o foco é especialmente a ênfase que essas representações dão à relação do sertão nordestino com o fenômeno das secas, realizando-se a análise dos poemas de autoria de Celestino Alves (06/04/1929 – 10/12/1991), autor natural de Currais Novos, município localizado na região do Seridó, interior do estado do Rio Grande do Norte. Trata-se de um poeta que foi bastante reconhecido a nível local e que, além de sua destacada atuação na produção literária – tendo em vista que publicou muitos folhetos de cordel, além dos livros em prosa *Retosques da História de Currais Novos* (1985), *Vaqueiros e Vaquejadas* (1986) e *Matutos e Tropeiros* (1989) –, exerceu também outras atividades, como comerciante e vereador do município de Currais Novos.

Os poemas analisados compõem a obra *O Nordeste e as Secas*, publicada em 1983, pela Gráfica do Senado. O local de onde parte a publicação, a propósito, constitui um notório indício da aproximação do autor com políticos norte-rio-grandenses, a exemplo de Dinarte de Medeiros Mariz, senador da República que também fora governador do Rio Grande do Norte. Esse ponto,

como se verá com o desenvolvimento dos argumentos deste artigo, é relevante para se pensar as relações entre as representações do sertão nordestino com os interesses do campo político. Afinal, se a obra parte de um espaço atrelado à esfera política, é importante ter em conta que, de alguma forma, seu conteúdo foi considerado importante por parte de quem viabilizou a publicação.

Dessa forma, a discussão aqui proposta acompanha o interesse presente em estudos que se preocupam em analisar a contribuição de produções culturais no tocante a propagação de determinadas concepções de “sertão”. A título de exemplos de trabalhos com esse enfoque, é possível citar os de Ernani de Jesus Pacheco Araújo e Silvana Maria Pantoja dos Santos (2019), Robson William Potier (2012) e Albertina Vicentini (2007).

Sendo esta uma pesquisa histórica, é necessário ressaltar que, para a história, é relevante o fato de ser “imprescindível que o espaço tenha representação social, seja definido por um exercício de poder sobre a comunidade nele estabelecida e se caracterize por vínculos culturais, de consanguinidade, de vizinhança, de interação” (NEVES, 2018, p. 12). Em razão disso, entende-se que analisar os poemas de Celestino Alves (1983) permite observar o prevaletimento de determinadas noções acerca do sertão nordestino ao fim do século em que, conforme Albuquerque Júnior (2011), em sua conhecida tese, ocorre uma construção imagético-discursiva sobre o que seria o próprio Nordeste.

É considerando o fato de que a obra focaliza em uma relação da região com as secas que aqui se adota um enfoque na associação desse fenômeno climático com o sertão. Esse interesse parte, portanto, do entendimento de que as noções propagadas sobre o sertão nordestino estão consideravelmente atreladas à própria historicidade da região Nordeste, de maneira que a construção imagético-discursiva acerca dela, no início do século XX, disseminou imagens e discursos que a associam às características geográficas do sertão, conforme aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Com isso, a seca assume uma posição central nessas práticas discursivas que foram determinando o que seria característico a essa região:

O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1887 veio colocá-la como o produto mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81).

Assim, nesse processo de elaboração imagético-discursiva, as características desse sertão acabaram assumindo uma centralidade nas ideias referentes à então inventada região,

como se “sertão” e “Nordeste” fossem sinônimos, conforme mostra Daniela Santos de Farias (2019), em concordância com essa visão:

Um sertão sinônimo de nordeste, que foi pensado, inventado lá na década de 1920, quando a Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca IFOCS, determinou que os estados do norte, que haviam sofrido com a grande estiagem de 1877, precisavam de uma atenção especial e uma ata publicada naquele ano aparece pela primeira vez, e assim, foi criada a expressão: Nordeste (FARIAS, 2019, p. 425).

Assim, é relevante o fato de que se tenha na obra aqui analisada, voltada para a temática das secas no Nordeste, uma gama de poemas que mencionam o sertão. Por isso, sua análise proporciona reflexões importantes para se pensar a historicidade do sertão nordestino e o papel da literatura na propagação de determinadas noções acerca dele.

Em termos teórico-metodológicos, sobre o uso de fontes literárias na pesquisa histórica, concorda-se com as autoras Ana Noredi Schuster, Beatriz Carvalho e Mônica Lopes Hadas (2017), que apontam direcionamentos importantes no tocante à abordagem que os historiadores devem adotar ao usar esse tipo de fonte:

(...) os textos literários são fontes históricas riquíssimas, pois trata-se de textos abertos, isto é, eles dão pluralidade aos contextos históricos inseridos e permitem várias construções de sentidos. São textos fáceis de memorização, o que faz com que criem uma coletividade social, guarda as marcas de um povo, de um fato, de um lugar. No entanto, também há fatores que nunca devem ser negligenciados pelos historiadores durante uma análise crítica do texto, deve haver, por parte do profissional, o cuidado minucioso de observar as particularidades da obra através da perspectiva do autor e um olhar mais atento as lacunas deixadas pela classificação literária (SCHUSTER, CARVALHO e HADAS, 2017, p. 93).

Desse modo, utilizar poemas como fontes históricas exige atenção com relação ao contexto de produção, sendo necessário situar historicamente quem os produziu. Como mostram ainda as citadas autoras:

Cabe, então, ao historiador explorar, dentro destes textos, a formulação da escrita, vida, obra e pensamento do autor, o contexto e o momento histórico no qual ele foi escrito, ter visão crítica sobre como o receptor lidará com o que lê, e descobrir qual é a finalidade inserida na produção literária (SCHUSTER, CARVALHO e HADAS, 2017, p. 89-90).

É este, portanto, o caminho adotado para a realização deste trabalho. Para concretizar o objetivo de identificar como é feita essa associação seca-sertão na representação do espaço elaborada pelo poeta Celestino Alves, além da bibliografia relacionada às representações literárias dos sertões – em especial o nordestino –, também são consideradas informações sobre o autor, situando-o historicamente para melhor compreensão no que concerne ao contexto de produção dos poemas analisados.

Assim sendo, o texto segue apresentando a explanação sobre Celestino Alves e a análise de seus poemas. A conclusão se dá com algumas reflexões finais sobre a continuidade observada quanto a determinadas noções sobre o sertão nordestino não só na produção literária da década de 1980, com o poeta cujo trabalho é aqui discutido, mas em diversas obras até os dias atuais.

Um poeta sertanejo e o dilema das secas

Celestino Alves nasceu no ano de 1929, na Fazenda Namorados, localizada na zona rural do município de Currais Novos/RN, conforme informações contidas em seu perfil no *Dicionário de Escritores Norte-rio-grandenses*. Vê-se, portanto, que se trata de alguém que viveu boa parte de sua vida no semiárido nordestino, excetuando-se o período em que residiu na cidade de Brasília. Por sinal, a publicação de *O Nordeste e as Secas* deu-se nessa fase em que ele se encontrava na capital federal, onde tinha uma construtora.

Para compreender a razão da centralidade do tema das secas nessa obra e a relação que se faz entre elas e o sertão, é interessante atentar à cronologia do fenômeno e o período de vida de Celestino Alves (1929-1991), notando-se que o poeta conviveu com períodos em que a seca causou problemas graves ao Nordeste. O ano de 1932, por exemplo, corresponde a um período que, segundo Pedro Henrique Barreto (2009), ficou marcado pela “indústria das secas”, no qual as elites políticas e econômicas indevidamente tiravam proveito de recursos destinados ao combate aos estragos provocados pelo fenômeno climático. A do ano de 1958 foi ainda pior, como mostra José Nilson Campos (2014):

No ano 1958 aconteceu uma das secas mais intensas da história climática do Nordeste. Nessa época, a região já dispunha de uma razoável rede de açudes, estradas e de suprimento elétrico e um aparato institucional significativo com o Dnocs, o BNB, a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) e a Chesf. Mesmo com toda essa infraestrutura foram criadas frentes de serviço para atendimento a cerca de quinhentos mil sertanejos, o dobro dos atendidos na seca de 1932. Buscou-se então repensar as políticas públicas contra as secas (CAMPOS, 2014, p. 78).

Destaca-se ainda a de 1979, na qual, conforme Pedro Henrique Barreto (2009), cinco anos de estiagem provocaram em torno de 3,5 milhões de mortes em decorrência de enfermidades e desnutrição.

O Rio Grande do Norte, estado no qual o poeta viveu a maior parte de sua vida, tem uma história marcada pelas dificuldades resultantes das secas. Conforme Denise Mattos Monteiro (2007), os efeitos desse fenômeno, registrado desde a ocupação dos colonizadores, contribuíram para a constituição de um quadro de miséria que encontrou expressão no

banditismo rural, no movimento popular de natureza religiosa ocorrido na Serra de João do Vale, além do êxodo rural. Este último tornou-se uma constante na história do estado e, como se verá a diante, é um tema muito frequente nos poemas de Celestino Alves (1983).

Desse modo, vê-se que o poeta fala do tema por ser algo com o que conviveu. Entende-se que a proximidade com esse problema certamente constituiu uma motivação para que ele se dedicasse a escrever sobre as mazelas que os períodos de estiagem provocavam em seu sertão. Na dedicatória de *O Nordeste e as Secas*, alega-se que a obra é “fruto de meio século de convivência com as secas do Nordeste” (ALVES, 1983, p. 4) e, apesar de o autor reconhecer, em texto introdutório que precede os poemas, que o fenômeno não atinge todas as áreas da região, ele atribui relevância à questão devido à grande extensão do polígono das secas, o que, em sua compreensão, prejudicaria o Nordeste como um todo. Nessa parte da obra, observa-se a existência de uma reflexão sobre a historicidade dessa questão, de modo que o autor faz uma relação disso com o presente – nesse caso, o período de seca pelo qual a região passava quando da publicação:

Nem todo o Nordeste é seco, mas o Polígono das secas atinge uma área considerável do Nordeste; então, quando da época das secas, toda Região sofre o reflexo, o impacto. Sempre existiram secas nesta Região, desde o tempo colonial, sempre os habitantes desta Região gritaram pedindo clemência, implorando providências, reclamando soluções para um problema que secularmente massacra a Região (ALVES, 1983, p. 9).

(...) a açudagem sempre foi, é e continuará sendo a grande alternativa para o problema das secas no Nordeste. Mas o Nordeste hoje tem trinta e cinco milhões de habitantes, as águas que são presas durante as precipitações pluviométricas, não são suficientes para manter esta população durante uma grande estiagem, como esta que estamos vivendo agora (ALVES, 1983, p. 9).

A propósito, a existência desse texto introdutório é interessante para se pensar as intencionalidades atreladas à obra. Conforme aponta Roger Chartier (1988), os agentes envolvidos na elaboração dos livros tendem a realizar um empenho visando gerar uma “compreensão autorizada”. Isto quer dizer que fazem uso estratégico de elementos como introduções, prefácios e apresentações para enfatizar determinados pontos do trabalho publicado. A discussão inicial que Celestino Alves (1983) apresenta demonstra que ele provavelmente tinha objetivos para além da expressão artística em si, mas também preocupações de cunho político, econômico e social, hipótese que ganha força quando se tem em conta que o autor, além do trabalho com as letras, era também político e homem de negócios, possuindo uma construtora em Brasília.

Assim, a reflexão histórica sobre a questão é acompanhada de sugestões de solução para a situação contemporânea à publicação dos poemas, notando-se o tom de crítica pelo fato de

serem as secas um fenômeno observado historicamente na região, repetindo-se ciclicamente sem a tomada de providências efetivas quanto a seu combate. Nessa introdução, o autor expressa sua insatisfação em relação às medidas emergenciais tomadas até então acerca do problema que, em seu entendimento, poderia ser solucionado por meio de ações pensadas para o longo prazo:

O que eu não admito é que se pense que o problema do Nordeste se resolva com emergência e esmola, isto já se faz há 138 anos, desde 1845, e continua a seca cada vez mais piora a situação, a seca de 1983 está causando maior aflição do que a de 1942, porque [sic]? Porque se uma doença só se pode resolver com uma operação, não adianta tratar com remédios paliativos, o importante é operar, é extrair as raízes, para erradicar a doença e recuperar o paciente: uma vez recuperado, o paciente volta ao trabalho e vai produzir (ALVES, 1983, p. 11).

E é embasado nessa linha de pensamento que apresenta a transposição do rio São Francisco como solução para a questão a ser resolvida:

No meu entender, não há tempo para pensar duas vezes, é mobilizar a maior quantidade de tratores que se possa com firmas empreiteiras, da União, dos Estados, dos Municípios e mesmo de propriedades da Região, localizá-los nas imediações da Barragem de Sobradinho, no rio São Francisco, marcar o rumo do alto Piranhas, na Paraíba, passando pelo alto Pajeú, em Pernambuco, escavando e levando água (ALVES, 1983, p. 10).

Com isso, o poeta enfatiza os benefícios sociais e econômicos dessa medida, evidenciando o interesse em escrever sobre as secas por outras razões para além da expressão artística: “À proporção que a água for entrando pelo sertão adentro, vai gerando riquezas e dando mão-de-obra, tirando o homem da emergência e levando-o ao trabalho produtivo” (ALVES, 1983, p. 10).

Desse modo, é pondo a tônica nessa questão, apresentando a seca como um problema social e econômico do Nordeste, que Celestino Alves (1983) fala do sertão nordestino, enfatizando a relação desse recorte espacial com esse fenômeno. A menção ao sertão é constante nos poemas, como se “sertão” e “Nordeste” fossem sinônimos, acompanhando a tendência verificada na produção imagético-discursiva sobre a região, conforme se verifica na bibliografia mencionada neste trabalho. Cabe agora a tarefa de identificar os elementos que os poemas enfatizam, o que possibilita compreender como é pensada a relação entre as secas e as características desse espaço.

As secas e o sertão em Celestino Alves

Como se mencionou no início deste texto, analisar poemas publicados em fins do século XX permite observar como estavam consolidadas determinadas ideias sobre o sertão

nordestino, verificando-se uma continuidade em relação à construção imagético-discursiva apontada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Como visto com esse autor, a literatura consolidou a relação do sertão com as secas já com o romance regionalista da década de 1930. Assim, como aponta também Adriana Ferreira de Melo (2011, p. 67), apesar de existir uma diversidade de sertões, o relativo à seca se tornou a representação que mais se consolidou no imaginário popular. Isso permite inferir que, para além de sua experiência como alguém que fala do sertão porque o conhece de perto, Celestino Alves (1983) certamente também foi influenciado por toda uma produção cultural que enfatiza essa relação do sertão com as secas, reproduzindo noções largamente difundidas sobre as características desse espaço e dos que nele habitam.

Conforme Albertina Vicentini (2007), o sentido imaginário referente ao sertão incorpora o elemento da denúncia social, bem como “quando o sertão avulta como local de vida heróica [sic] ou trágica, de vida salutar e genuína, ou de vida identitária” (VICENTINI, 2007, p. 189). É possível observar que, nos poemas de Celestino Alves (1983), essas noções de tragicidade e de denúncia social aparecem com muita força, estando elas associadas às dificuldades impostas pelos períodos de estiagem e ausência de medidas efetivas quanto ao seu combate. Percebe-se assim que a associação sertão-seca é feita nos poemas analisados, aparentemente, com o intuito de realizar uma crítica social, visto que o livro traz o já mencionado texto introdutório no qual o autor disserta sobre a historicidade da questão, expondo a insatisfação com a política de emergência e apontando as saídas consideradas pertinentes.

Assim, vê-se que a obra abarca um sentido de “sertão” que o vincula diretamente às secas. Um trabalho de Ernani de Jesus Pacheco Araújo e Silvana Maria Pantoja dos Santos (2019) aponta que, no Brasil, houve uma ressignificação do termo “sertão” que o associou a esse fenômeno de maneira que ambos se tornaram quase sinônimos:

No Brasil Colonial, a palavra sertão, passou a se referir ao interior, em oposição ao litoral. Os portugueses, quando aqui chegaram, inicialmente, não conseguiram desbravar o território além litoral, entendido como lugar de selvagens, do desconhecido, do estranho: a este lugar chamaram de sertão. No final do século XIX e início do XX, o conceito de sertão passa a ser ressignificado, associando-se à seca, principalmente depois da grande seca de 1915 que assolou a Região Nordeste do país, causando o movimento migratório dos habitantes do lugar em busca de sobrevivência (ARAÚJO e SANTOS, 2019, p. 69-70).

Dessa forma, essa representação, segundo esses autores, “tornou-se hegemônica, passando a habitar o imaginário do brasileiro a tal ponto, que se transformou em caricatura e estigma, como se este fosse o único sertão” (ARAÚJO e SANTOS, 2019, p. 71). Portanto, cabe

a seguinte pergunta: Se a seca é compreendida como algo tão marcante no sertão nordestino, qual seria o impacto disso nas formas de representação desse espaço?

Ao analisar os poemas de *O Nordeste e as Secas*, vê-se que neles aparece uma representação que destaca o sertão como um mundo de sofrimento causado por esse fenômeno climático. A vida no sertão seria árdua, o que tornaria seus habitantes homens fortes, por conseguirem suportá-la. Essa concepção acerca dos sertanejos, por sinal, aparece com muita força. Os trechos a seguir evidenciam essa questão, na medida que falam da chuva como algo que chegaria para amenizar o sofrimento provocado pelos períodos de estiagem, permitindo que esse homem forte, o sertanejo, saísse da indignidade a qual estava submetido:

Vi a água escorregando,
nas caatingas do sertão,
vi uma voz me chamando,
que me deu satisfação,
aquela voz me dizia,
que aquela água que eu via,
era da irrigação.
(...) O sonho foi uma visão,
que eu achei tão bonita,
como se fosse uma fita,
que eu vi na televisão,
sonhar com irrigação,
com lavoura no roçado,
é sonho tão animado,
que sempre, sempre eu queria,
sonhar assim todo dia,
mesmo estando acordado (ALVES, 1983, p. 26-27).

Seguindo o sertanejo à [sic] mendigar,
procura auxílio de um alguém que passa,
e, longe a roça que deixou, na praça,
vaga o destino de mais se humilhar.
Bem pode a seca calcinar o Norte,
desabitar o meu sertão amado,
fundir a terra, destruir o gado,
há porém sempre no sertanejo um forte (ALVES, 1983, p. 17).

O sertanejo, coitado,
um eterno sofredor,
um homem trabalhador,
e por demais esforçado,
porém está liquidado,
sem poder sobreviver,
vendo seu gado morrer,
no pátio ou no tabuleiro,
o xique-xique, o cordeiro,
tende a desaparecer (ALVES, 1983, p. 18).

A título de exemplo da força da presença dessa concepção na esfera literária, a ideia dos sertanejos como homens fortes devido ao sofrimento provocado pelos períodos de estiagem também foi identificada por Potier (2012), em sua pesquisa para dissertação de mestrado sobre as representações do sertão e dos sertanejos na literatura de cordel produzida no início do século XX. Entende-se que o autor de *O Nordeste e as Secas*, como poeta que, inclusive, publicou muitos folhetos de cordéis, certamente teve contato com as noções disseminadas por essas produções.

O tipo sertanejo e suas diversas variações seria indissociável do ambiente no qual este se constitui. (...) O sertanejo seria, portanto, dotado de força, vigor, caráter, valentia e honra, forjados pelas condições de vida no meio rural, na convivência com a criação do gado e a cultura do algodão, com o ambiente da caatinga, com as estruturas de poder advindos da formação histórica desse espaço, com a expectativas de embates por terras ou períodos de estiagem, que poderiam definir o momento de ficar ou de migrar (POTIER, 2012, p. 40).

Essa concepção acerca do homem que habita o sertão, e mesmo do nordestino como um todo, foi largamente difundida. Vale ressaltar que ela já existia, inclusive, em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, cuja primeira publicação data de 1902. Nesse caso específico, a noção estava calcada no forte debate racial datado do século XIX, por isso, é considerando o sertanejo basicamente uma miscigenação bem-sucedida que este autor dita a célebre frase “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2006, p. 118). Não se pode afirmar que o poeta norte-riograndense aqui discutido leu essa conhecida obra, mas é provável que sim, pois um de seus versos parece fazer referência à frase do autor de *Os Sertões*: “(...) há porém sempre no sertanejo um forte” (ALVES, 1983, p. 17).

Ainda cumprindo a tarefa de identificar possíveis influências no tocante a essa concepção, é importante ressaltar que, além das representações literárias, há também outras formas pelas quais ela foi propagada, como a poesia repentista analisada por Santos (2012), que relaciona essa noção de homem forte ao estereótipo do “macho puro”:

Portanto, nem se pode pensar no homem nordestino sem as características do que seria um “macho puro”, homem de fibra sem qualquer questionamento à sua virilidade, com comportamentos pré-estabelecidos, muitas vezes grotescos que o faz ser qualificado estereotipicamente, levando-o a parecer com o rústico, mal-educado e intolerante (SANTOS, 2012, p. 47).

Desse modo, a força do sertanejo, homem capaz de resistir ao flagelo das secas, seria refletida, inclusive, em uma masculinidade acentuada, de modo que diversas produções culturais endossaram essa concepção, como se vê nas pesquisas realizadas por Potier (2012) e Santos (2012). Essa questão também foi discutida amplamente por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013). Segundo ele, a invenção do homem nordestino – datada

praticamente do mesmo período da invenção do Nordeste – está calcada nesses traços atribuídos ao sertanejo, de maneira que “nordestino” e “sertanejo” foram colocados estrategicamente como sinônimos em um discurso regionalista que tinha por finalidade educar a população desse recorte espacial com uma determinada expressão regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 145-225). Esse debate sobre as representações do gênero masculino no Nordeste não é um enfoque deste trabalho, mas é aqui mencionado devido à relação com a noção do sertanejo como homem forte moldado pelo espaço, objetivando-se demonstrar que ela foi construída historicamente e disseminada de várias formas. Com isso, tem-se a seguinte imagem quanto ao homem que habita o sertão nordestino:

Calcado na figura do sertanejo, o nordestino é descrito como um homem centrado na vida familiar, um homem apegado à terra, contra a qual luta insistentemente. Inculto e supersticioso, capaz de acreditar em assombrações e manifestações do sobrenatural, era, acima de tudo, um homem honesto e hospitaleiro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 211).

Outra noção identificada nos poemas é a do sertão como um universo essencialmente rural. Nota-se que, nos versos, o campo é mencionado com frequência, como se “sertão” remetesse exclusivamente à zona rural. Quando o poeta fala do labor do sertanejo, refere-se notadamente às atividades do campo, sendo possível observar bem essa questão nos poemas “Agricultura” e “Dívida Social”. Neles, há uma nítida oposição entre campo e cidade, na qual o primeiro é enaltecido, apontando-se que a agricultura nele praticada é que gera riqueza, além de se fazer uma crítica ao fato de o homem ali situado não ter apoio por parte dos governantes.

(...) Porque quem gera inflação,
é sempre o êxodo rural,
o homem vive na roça,
num abandono total,
termina desanimando,
vem pra rua e se dá mal (ALVES, 1983, p. 33).

Precisamos harmonizar,
o nosso setor primário,
pra viver harmonicamente,
com o setor secundário,
e os dois marcharem juntos,
com o setor terciário (...) (ALVES, 1983, p. 40).

Como se observa, essa crítica social também leva em conta a migração ligada ao processo de êxodo rural, ressaltando-se quão problemática o poeta considera essa questão, uma vez que o agricultor deixaria o campo para ir à cidade e lá se deparar com situações adversas.

Importa salientar que este é outro elemento difundido pelas “práticas regionalizantes” que compuseram o processo de invenção da região Nordeste, como mostra Albuquerque Júnior

(2011). Analisando essas práticas, o autor constata a ênfase dessa ideia de ruralidade vinculada ao Nordeste, quando o sertão tem destaque especialmente no romance regionalista, sendo apresentado em oposição à modernidade característica aos grandes centros urbanos. Ele é apresentado, então, como o “melhor lugar para se viver, em oposição aos valores que emergem da sociedade moderna/capitalista” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 140).

Refletindo sobre a predominância de temas referentes ao sertão na literatura regionalista, Albertina Vicentini (2007) defende que há certa dicotomia nas representações desse universo rural:

Nesse sentido, o recorte temático principal em torno do qual a literatura regionalista tem trabalhado seus temas e seus conteúdos identitários é, especialmente, o mundo rural, mundo dentro do qual se encontra o sertão, que nos interessa aqui. Historicamente falando, esse mundo rural vem sendo caracterizado de forma bastante dicotômica, por algumas parênteses, que oscilam entre a negatividade e a positividade, mas que se apresentam sempre por acumulação, embora de forma dominante (VICENTINI, 2007, p. 189).

Esses apontamentos da autora conduzem aos outros aspectos presentes nos poemas a serem discutidos. Nos versos de Celestino Alves (1983), esse mundo rural é um mundo que deixa saudade. E se deixa saudade, é porque ele não é apenas a infelicidade das secas. Existe a saudade porque nele, além do sofrimento causado por esse dilema, há também os elementos tidos como tradicionais, dos quais o sertanejo sente falta ao ter que partir em busca de sobrevivência nas grandes cidades. Trata-se, portanto, da dualidade com a qual esse espaço é frequentemente representado.

A questão da saudade aparece fortemente relacionada com o processo migratório associado à retirada por causa das secas. Isso constitui um tema muito presente na obra de Celestino Alves (1983), falando-se da migração como a saída para se tentar sobreviver ao flagelo resultante desse fenômeno. Assim, o sertão é referido como um lugar do qual se está longe e, portanto, do qual se tem saudade. O poema “O adeus de um sertanejo” expressa bem essa questão, já que ele enfatiza a dor de se ter que partir devido à impossibilidade de sobreviver no sertão:

Adeus ó seca malvada,
que expulsa o sertanejo,
adeus casinha caiada,
quando voltar eu te vejo.
(...) Adeus terra abençoada,
aqui me viste nascer,
adeus carro, adeus boiada,
só volto quando chover (ALVES, 1983, p. 28).

O fato de o poeta estar residindo em Brasília no período da publicação da obra certamente contribuiu para que a saudade da terra natal fosse enfatizada. As coisas das quais ele fala para descrever do que sente falta no sertão remetem à alegria de quando ocorre a chegada da chuva, além dos elementos tidos como tradicionais como a vaquejada, o forró e as festas juninas, conforme observado nos versos de “Saudade do meu sertão”:

Saudade da apartação,
saudade da vaquejada,
do meu cavalo avião,
da poeira da estrada.
Da noite enluarada,
da festa de São João,
da canjica e da coalhada,
da fogueira e do balão.
Relembro aquela moçada,
que a gente ia ao forró,
no Trangola, na Pintada,
no Pico do Totoró (ALVES, 1983, p. 32).

Vê-se, portanto, que essa representação do sertão traz consigo a dualidade de um mundo que tem sua beleza, mas é devastado pelas secas. Esse mundo é marcado ora pelo sofrimento da estiagem prolongada, ora pela felicidade de quando chove. No poema “O inverno do sertão” essa felicidade proporcionada pela chuva é posta em evidência, destacando-se a transformação que ela provoca no espaço:

Quanto é belo e quão lindo,
o inverno no sertão,
a chuva do céu caindo,
na terra como benção,
parece que Deus está rindo,
perante a vegetação,
quantas graças estão vindo,
para nossa redenção,
o tabuleiro amolece,
o cardeiro floresce,
enfeitando a região,
o xique-xique, o facheiro,
o pau d’arco, o marmeleiro,
a jurema, o pereiro
perfumam o Nordeste inteiro
do baixio ao chapadão,
não há força de expressão
capaz de avaliar,
nem há quem possa pintar
num quadro tanta beleza
só mesmo a natureza
é quem tem sabedoria
para dar tanta alegria
depois de tanta tristeza (ALVES, 1983, p. 68).

Essa dualidade de certa forma ameniza a visão que aponta o sertão nordestino unicamente como lugar de miséria, pondo em evidência a fartura, a felicidade, estas possibilitadas pela chegada da chuva. No poema “O Mundo do Meu Nordeste”, o poeta menciona as coisas boas em contraponto ao sofrimento provocado pelo martírio das secas:

É o mundo da Beleza,
é o mundo da tristeza,
é o mundo do pavor,
é o mundo do fervor (...)
embora sofra regresso,
de tempo predestinado,
de minas de aluvião,
de seca no meu sertão,
de xique-xique queimado (...)
de fazendeiro sofrendo,
de gado magro morrendo,
na seca do seridó,
do pico do Totoró,
do gargalheira sangrando,
gargalheira gargalhando,
como disse dão Nivaldo
do discurso do Vivaldo,
em frente uma multidão,
carente de água e pão (...) (ALVES, 1983, p. 21).

Assim, verifica-se uma representação do sertão nordestino dotada de uma noção de dualidade que incorpora todo o sofrimento provocado pelas secas em oposição às belezas desse mundo rural, notadamente destacando-se os aspectos tidos como tradicionais. É essa dualidade que transforma o sertão em espaço da saudade, ressaltando-se, novamente, que é possível observar esse aspecto em muitas produções culturais que falam do sertão nordestino e que, certamente, constituem uma influência para o autor de *O Nordeste e as Secas*.

Para citar alguns exemplos, cabe remeter uma vez mais ao estudo de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), pois o autor observa que os grandes nomes do regionalismo/tradicionalismo criaram o próprio Nordeste como espaço da saudade, provocada pela “epopeia da retirada” por causa das secas, quando o sertanejo se depara com a realidade da modernidade da qual as cidades estão impregnadas. Um mundo, portanto, oposto ao cariz rural ao qual ele estava habituado:

Embora com obras muito diferentes, estes autores e artistas têm em comum o fato de serem construtores de um nordeste, cujas visibilidade e discursividade estão centradas na memória, na reação ao moderno, na busca do passado como dimensão temporal; assinaladas em sua relação com o presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 100).

Esse aspecto dual foi observado também nas representações propagadas por produções cordelísticas, conforme analisado por Robson Willian Potier (2012). Esses poemas

(...) reconstróem esse ambiente como espaço de passagem, errância, privação e provação, onde a natureza austera e os sentidos e simbolismos a ela atribuídos legitimavam os valores de resistência, coragem e fé de seus habitantes, mas também, esse poderia ser espaço de beleza e fartura, de paisagens belas, de convivências em torno da expectativa pela chegada do inverno, da chuva. Esse era tido como espaço de gente honesta, comida simples, porém, farta, espaço repleto de histórias que seriam cantadas por violeiros e cantadores que enalteceriam os valores de sua terra (POTIER, 2012, p. 25).

Em outro exemplo que constata a força dessa concepção, tem-se a pesquisa de Ernani de Jesus Pacheco Araújo e Silvana Maria Pantoja dos Santos (2019), que a observaram também na produção do famoso poeta Patativa do Assaré. Em sua obra, o sertão é da seca, mas é também lugar fértil; lugar de pertencimento (subjatividade do eu-lírico, a partir das recordações de suas vivências no sertão sobre o qual escreve); e lugar de tranquilidade e calma em oposição à cidade (ARAÚJO e SANTOS, 2019, p. 75).

Nesse sentido, é notável que muitas representações literárias do sertão apresentam essa ideia, incluindo-se aí as do gênero poema. Quando se observam os elementos mencionados por Celestino Alves (1983), é possível notar que se tratam de aspectos realçados como sendo pertencentes à tradição do espaço ao qual está se referindo e, por isso, estar longe destes provocaria o sentimento de saudade. Esses elementos seriam constituintes de uma identidade, o que é visto por Albertina Vicentini (2007) como um ponto relevante nas representações literárias dos sertões:

A questão da identidade, então, como conteúdo-chave dessa narrativa aponta para o processo de alteridade, jogo de semelhanças e diferenças, de partes e de totalidades, que culminam em auto-afirmações que se assinalam deícticas, quer dizer, se auto-afirmam [sic] a partir do locutor e do contexto, e deles depende (VICENTINI, 2007, p. 188).

Assim, conclui-se que as “práticas regionalizantes” que, conforme Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), contribuíram para a construção da ideia do que seria o Nordeste, contribuíram também para que o sertão nordestino fosse enfatizado como um espaço fortemente marcado por esses elementos tidos como tradicionais e constituintes de uma identidade sertaneja (muitas vezes vistos como o que seria comum a todo o Nordeste). Os poemas de *O Nordeste e as Secas* demonstram estar carregados dessas noções que, há algum tempo, já vinham sendo propaladas acerca desse recorte espacial, o que foi sendo feito através de diferentes produções culturais que colaboraram para consolidá-las e com as quais provavelmente o autor da obra aqui discutida travou algum contato.

Considerações finais

A problemática discutida neste texto carrega consigo uma preocupação mais ampla, para além da análise de uma obra específica: observar a força das noções propaladas acerca do sertão nordestino após a construção histórica de determinadas concepções acerca desse recorte espacial. Uma construção que certamente ultrapassa os limites da esfera cultural, abarcando também interesses econômicos, políticos e sociais dos agentes envolvidos.

A partir do exposto, torna-se evidente que, ao fim do século XX, mais especificamente na década de 1980, essas noções sobre o sertão continuavam a ser difundidas na literatura, situando-se aí os poemas de Celestino Alves (1983), analisados neste artigo. Elas se referem ao sertão como um lugar de aspecto dual, de alegria e sofrimento com base nos períodos de chuva e seca; um mundo essencialmente rural, distante dos aspectos da modernidade e habitado por homens fortes; e, por fim, um lugar que precisa ser abandonado para sobreviver, com isso, tornando-se espaço da saudade.

É interessante mencionar, para fins de reflexão sobre o assunto, o que mostra Farias (2019) em recente tese, na qual aborda a persistência da tríade sertão-seca-sertanejo em representações atuais do sertão nordestino. Ela não apenas identifica em produções artísticas recentes a continuidade na disseminação das mesmas noções, mas também reflete sobre o que pode haver por trás disso, pondo em evidência como elas podem ser de interesse para determinados agentes sociais. Isso porque, como é afirmado pela autora: “(...) reforçar esses estereótipos contidos nessa tríade (sertão, seca e sertanejo), em sua maioria, tem um lado político, talvez seja interessante perpetuá-los, pois a indústria da seca vem elegendo e reelegendo políticos todos os anos” (FARIAS, 2019, p. 430). Desse modo:

E se existir uma identidade única atrelada a seca, ao sertão (entendido muitas vezes, como sinônimo de nordeste), ao sertanejo = um tipo nordestino, a miséria, a pobreza, então essa identidade única servirá de argumentos para um capital político nas mãos das oligarquias nordestinas (FARIAS, 2019, p. 430).

Essas considerações mostram como se torna importante atentar às formas de representação desse recorte espacial, pois elas se atrelam a interesses que também permeiam as esferas social, econômica e política. Com isso, torna-se relevante destinar atenção às permanências aqui pontuadas, de modo que o motivo dessas continuidades deve ser objeto de reflexão constante para os historiadores do tema.

Assim sendo, considera-se importante haver mais pesquisas sobre o assunto, enfatizando-se, inclusive, a importância de trabalhos que analisem também outras produções culturais além da literatura, como o cinema, a música e tantas outras formas que o ser humano encontra não apenas para se expressar artisticamente, mas também para criticar ou endossar concepções e, com isso, atender a diferentes demandas de sua época.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do "falo" - uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALVES, Celestino. *O Nordeste e as Secas*. Brasília: Gráfica do Senado, 1983.

ALVES, Celestino. *Retoques da História de Currais Novos*. Natal: Fundação José Augusto; Prefeitura Municipal de Currais Novos, 1985.

ALVES, Celestino. *Vaqueiros e Vaquejadas*. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986.

ALVES, Celestino. *Matutos e Tropeiros*. Brasília: Gráfica do Senado, 1989.

ARAÚJO, Ernane de Jesus Pacheco; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. As representações do sertão em Inspiração Nordestina de Patativa do Assaré. In: SOUSA, Ivan Vale de (Org.). *Laços e Desenlaces na Literatura*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 66-76.

BARRETO, Pedro Henrique. História – Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. *Desafios do Desenvolvimento*, Brasília, v. 6, n. 48, mar. 2009. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1214:reportagens-materias&Itemid=39. Acesso em: 01 nov. 2019.

CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 82, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/88919>. Acesso em: 01 nov. 2019.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: 07 maio 2020.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FARIAS, Daniela Santos de. *Sertão, Seca, Sertanejo*. 2019. 440 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182395>. Acesso em: 28 dez. 2019.

FLORES, Conceição. *Dicionário de Escritores Norte-rio-grandenses*. Disponível em: <http://escritoresdorn.com.br/autor.php?autor=Celestino%20Alves>. Acesso em: 14 out. 2019.

MELO, Adriana Ferreira de. *Sertões do mundo, uma epistemologia*. 2011. 117 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-8PJKS3>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 3. ed. Natal: Edufrn, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como Recorte Espacial e como Imaginário Cultural. *Politeia: História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, p.153-162, mai. 2003. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3940>. Acesso em: 28 dez. 2019.

NEVES, Erivaldo Fagundes. O sertão da formação socioeconômica brasileira. *Menme: Revista de Humanidades*. Caicó, v. 19, n. 42, p. 11-20, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/18468/11933>. Acesso em: 28 dez. 2019.

POTIER, Robson William. *O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940)*. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16968/1/RobsonWP_DISSERT.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

SANTOS, Rosimar dos. *A representação do Nordeste na poesia repentista*. 2012. 63 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História Cultural, Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Santos-Dissertacao-Apresentacao_Nordeste.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

SCHUSTER, Ana Noredi; CARVALHO, Beatriz; HADAS, Mônica Lopes. Textos literários como fonte histórica: interpretação do poema "A Rosa de Hiroxima". *Maiêutica*, Indaial, v. 5, n. 1, p.89-94, jan./jun. 2017. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/view/1776/872. Acesso em: 28 dez. 2019.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 187-196. jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/3140>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Artigo recebido em 20 de janeiro de 2020
Aceito para publicação em 03 de maio de 2020